

Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

O boletim do mês de maio começou a ser produzido sob o impacto da Chacina da Baixada Fluminense, na qual 30 vidas foram ceifadas de forma violenta e covarde. Trabalhadores, jovens, uma mulher e uma criança vítimas de vingança desmedida e da barbárie que nosso estado está entregue clamam por nossa indignação. **Sim, queremos paz! Sim, exigimos a paz como direito para tod@s! Clamor que temos de gritar com força e com coragem! A estas e a todas as vítimas, anônimas ou não, da violência urbana e do campo, o nosso compromisso de seguir lutando pelo estabelecimento de relações mais harmônicas e solidárias pautadas no diálogo e na solução não violenta dos conflitos. Nosso compromisso em exigir a radicalização da democracia e o respeito aos direitos humanos. Nosso compromisso em seguir lutando contra as desigualdades sociais e econômicas, a impunidade, a corrupção, o poder paralelo.**

Ao mesmo tempo em que jornais do mundo anunciavam a Chacina da Baixada, anunciavam também a morte do Papa, o peregrino pela paz no mundo, como foi chamado. Seu testemunho foi marcado pela busca do entendimento e convivência pacífica entre os povos, as religiões, as diferentes culturas. Que sua persistência na busca da paz nos inspire a continuar acreditando nesta utopia.

As propostas de atividades visam, através da análise do Cartaz do lema 2005, estimular a expressão e a criatividade na elaboração de materiais de divulgação em torno da idéia de PAZ.

“A Paz não exclui o conflito”, de Vera Candau, faz uma breve abordagem dos diferentes tipos de guerras - as quentes, as frias, as surdas - e afirma que o conflito faz parte da dinâmica de uma sociedade pluralista. Instiga a reflexão e oferece elementos para o entendimento do significado da construção de uma cultura de paz.

A equipe

PAZ: Direito de tod@s! Entre nessa, abraça esta luta!

NOVAMERICA



MAIO

Datas Significativas

- 01 Dia Mundial do Trabalho
- 15 Dia Internacional das Famílias
- 29 Dia Internacional dos Construtores de Paz das Nações Unidas

Visa homenagear a todos os homens e mulheres que têm contribuído para a manutenção da paz e para lembrar aqueles que perderam a vida em ações pela paz.

Participe

Conforme anunciado no primeiro boletim deste ano o mês de julho será dedicado à publicação de atividades desenvolvidas nas escolas. Como a elaboração do DDHH é feita com antecedência, solicitamos que enviem o relato da atividade (ver encarte com orientações), impreterivelmente, até o dia 25 de maio.

“Eu quero paz. Na minha casa tenho paz. Na minha família tem paz. Não gosto de tiros, nem de armas. Também não gosto daquele helicóptero de polícia, tenho medo do tiro. Mas tenho paz no coração.”
(aluno da rede pública de educação do Município do RJ. 3ª série)

Não é fácil situar-nos diante da questão da paz na atual situação do mundo e do nosso país. Corremos o risco ou de negar a realidade ou de não reconhecer o sentido profundamente antropológico e político-social do anseio de paz presente nos indivíduos e nos grupos sociais.

Numa contraposição clássica, paz se opõe a guerra. Depois da Segunda Guerra Mundial até praticamente o final da década de oitenta, o mundo viveu sob a tensão da chamada Guerra Fria. Expressão certamente curiosa que tentava distinguir situações onde a guerra passava por operações bélicas, cada vez mais sofisticadas, daquelas em que as "armas" eram "frias", se situavam no plano ideológico, científico e cultural. Certamente neste período não faltaram também as guerras "quentes" que ceifaram muitas vidas.... No entanto, com a queda do Muro de Berlim, com a derrota do socialismo real, a afirmação da hegemonia absoluta do capitalismo como sistema econômico em sua fase neoliberal, da democracia formal e da perspectiva do "fim da história", tudo parecia resolvido em sua dinâmica fundamental e a verdadeira paz seria alcançada. Era somente uma questão de tempo. O caminho estava traçado.

No entanto, a partir da década de 90 este sonho se desmanchou. As guerras "quentes" não desapareceram. Multiplicaram-se. Algumas se desenvolveram no interior dos países e regiões, entre grupos sociais, culturais, religiosos, étnicos. A guerra dos Balcãs - envolvendo a Sérvia, Bósnia e Albânia -, o recrudescimento do sangrento conflito entre Israel e a Palestina, a guerra no Iraque que se prolonga sem que se veja claro como terminará constituem exemplos expressivos dessa situação. As formas de violência se multiplicaram. O terrorismo se manifesta com muitas caras. Além disso, hoje podemos falar também das "guerras surdas" da fome, da exclusão, da pobreza, do narcotráfico, da intolerância racial, da marginalização e do preconceito. Estas guerras não matam menos nem criam melhores condições para se construir a paz. Os tratados negociados entre governos, por mais frágeis que, muitas vezes sejam, significam um passo importante para buscar solução, construir a paz, nas guerras convencionais. No entanto, a "guerra surda", é um fenômeno diluído na sociedade, que penetra os diferentes espaços sociais. Afeta comportamentos pessoais e coletivos, mentes, corpos e corações. Necessita outros processos de negociação e outras categorias para ser enfrentada.

É freqüente a afirmação de que paz é ausência de conflito. Se nos colocamos nesta perspectiva, idealizamos a paz, pois o conflito é inerente à vida humana. Não há crescimento pessoal sem que passemos por momentos de crise e conflito. Também no plano social, o conflito é parte da dinâmica de relações e confronto de interesses. Numa sociedade pluralista, o reconhecimento da diferença, em suas diversas configurações

passa por processos de confronto social, sem os quais é impossível que o reconhecimento e a conquista de direitos se efetive.

É, contudo, importante distinguir o conflito enquanto inerente às relações entre os homens da situação de "guerra". O sentido de guerra pressupõe o estado de beligerância, ou seja, o uso da violência entre as partes. Trata-se, pois, de um conflito cuja solução não implica em negociação, mas depende da submissão de uma das partes. Conceitualmente a guerra envolve Estados e não indivíduos, ainda que possa se estender ao interior das nações sob a forma de guerra civil. Sua eclosão marca o fracasso dos homens em resolver seus conflitos segundo critérios tidos como justos ou racionais pelas partes envolvidas. Por isso mesmo, segundo os defensores do pacifismo, a guerra, na medida em que se constitui numa ameaça ao Direito à Vida, representaria a ação política máxima do anti-humanismo, o fracasso do entendimento essencial entre os homens

O contexto mundial em que vivemos torna evidente a lógica da nova ordem, ou melhor, desordem internacional. Uma ordem/desordem imperial baseada no poder de uns e na exclusão das grandes maiorias. Uma ordem/desordem que insiste em ver o mundo de modo dicotômico: uns são os bons, os "outros" os maus, uns são os civilizados, os "outros" os terroristas. A guerra no Iraque é emblemática dessa lógica descrita.

Nenhum povo, nação, organismo internacional ou líder político tem o direito de se atribuir o papel de "salvador" da humanidade e único detentor do "bem". Estamos vivendo uma situação internacional especialmente complexa, onde, em muitos casos, os que se arvoram em protetores da humanidade são os principais responsáveis pelas crescentes desigualdades, exclusão e guerras que marcam dolorosamente o nosso mundo. Grandes interesses econômicos e estratégicos estão em jogo em situações que são apresentadas como confronto entre civilização e valores.

Esta realidade nos leva afirmar, com profunda convicção, a urgência da promoção de uma cultura dos direitos humanos. A necessidade de denunciar ações e processos que buscam subordinar à segurança nacional e internacional, o respeito aos direitos humanos.

Assim, construir a paz supõe ação, respeito pelos direitos humanos, luta não violenta contra tudo que desconhece a dignidade humana, afirmação do estado de direito, articulação entre políticas de igualdade e de identidade, entre igualdade social e diferença cultural. É urgente a necessidade de multiplicar as formas de diálogo e negociação face ao sombrio contexto internacional.

¹Extraído do texto "Educar para uma Cultura de Paz"

Editora

Susana Sacavino

Equipe Responsável

Vera Maria Candau
Laura Cristina Campello do A. Mello
Iliana Aida Paulo
Marilena Varejão Guersola

Supervisão Editorial

Adelia Maria Koff

Fotos:

Alexandre Firmino

Composição Gráfica

Companhia Visual Manteca

Apoio

fundación santa maria

Fons Català de Cooperació al Desenvolupament



NOVAMERICA

Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 NOVAMERICA Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo
CEP: 22280-030 - Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033
E-mail: escola@novamerica.org.br - http://www.novamerica.org.br